

Sarney: 'Democracia exige paciência para não morrer'

BRASÍLIA — A democracia latino-americana tem frágeis raízes de subdesenvolvimento, que exigem equilíbrio e paciência para não morrer. Esta foi a mensagem do Presidente José Sarney aos cerca de cem escritores e intelectuais reunidos no Palácio do Itamaraty, ontem, para a abertura do Simpósio Internacional sobre "O Papel Dinâmico das Literaturas da América Latina e do Caribe na Criação Literária Universal".

O Presidente lembrou que, além das raízes culturais, os mesmos desafios políticos, econômicos e sociais e a vivência trágica e dramática das ditaduras unem os países latino-americanos — um resultado, segundo ele, dos excessos cometidos em nome da liberdade.

— A América Latina tem a doença histórica de usar mal a liberdade, deixando-a muitas vezes morrer — ponderou. Antes afirmara ter contribuído para consolidar a democracia, "estabelecendo eleições diretas para todos os níveis, assegurando total liberdade de organização política e sindical, convocando a Assembleia Nacional Constituinte e iniciando a reforma agrária".

Em seguida, Sarney traçou um paralelo entre as suas duas vivências — a literária e a política —, ambas inspiradas na "dura realidade social do nosso povo". Entre citações de textos literários, metáforas e figuras de linguagem, rebateu os críticos:

— Venho do Maranhão, do Nordeste, da região mais pobre e atrasada do Brasil. Muitas vezes, lançam a flecha do meu provincianismo, mas quanto mais regional mais universal se é. Eu começo em mim, na minha cidade, na minha casa, no meu berço. Estas dimensões estão em todos nós, são as nossas raízes eternas.

Logo após discursar, o Presidente deixou o Itamaraty dirigindo-se ao Pericumbã, não ouvindo os elogios que lhe dirigiu Jorge Amado, principal homenageado do encontro. O escritor recebeu a medalha "Picasso", oferecida pela Unesco.



Telefoto de J.França

Sarney diz aos escritores que latino-americanos usam mal a liberdade

Amado elogia Governo ao receber medalha da Unesco

Homenageado como a principal figura da cerimônia de abertura, ontem, do Simpósio "O Papel Dinâmico das Literaturas da América Latina e do Caribe na Criação Literária Universal", promovido pela Unesco, o escritor Jorge Amado dedicou o melhor do seu discurso a elogiar a Nova República: "Vivemos num clima de absoluta e total liberdade de expressão do pensamento. Quem disser que no Governo Sarney não há democracia é um reles mentiroso".

Aludindo ao centenário da abolição da escravidão no Brasil, saudou a luta dos negros brasileiros, que continua: "Não haverá descanso enquanto existir opressão racial no mundo. Nós, escritores brasileiros, estamos unidos na luta contra o monstruoso Governo da África do Sul".

O escritor foi saudado, pelos mais de cem escritores de todo o mundo presentes, em virtude da qualidade da sua obra, apontada como criativa, corajosa, renovadora e intimamente ligada à alma do povo brasileiro, sem deixar de ter uma linguagem universal.

Emocionado, afirmando não ter mais idade "para essas coisas", Jorge Amado recebeu a medalha "Picasso" da Unesco, cunhada com base em um desenho de Miró, e lembrou um dia em 1949, em Paris, quando, ao lado de Picasso, mobilizou-se para regularizar a situação do poeta chileno Pablo Neruda, foragido da polícia do seu país. Naquele mesmo dia, nascia a filha de Picasso, Paloma, cujo nome foi uma homenagem à "Pomba da Paz" que cobria os muros de Paris, uma criação do próprio pintor.